

Heitor de Moraes

**A
Guerra
das Malvinas.**

Romance

Heitor de Moraes

Todos os direitos reservados para Matéria Livre Editora/Heitor de Moraes
Rua José Kormann, 501B – Curitiba, PR

E-mail: materialivreeditora@gmail.com

Título: A Guerra das Malvinas
Autor: Heitor de Moraes

Editor: Matéria Livre Editora
Revisão: Aresta Textos
Capa: Nery Morell
Diagramação: Nery Morell

ESBN:

Moraes, Heitor de
A Guerra das Malvinas/Heitor de Moraes
Curitiba, PR

1.Romance (1ª edição) 2023

Índice

Capítulo 1.....	05
Capítulo 2.....	15
Capítulo 3.....	29
Capítulo 4.....	35
Capítulo 5.....	45
Capítulo 6.....	69
Capítulo 7.....	83
Capítulo 8.....	89
Capítulo 9.....	95
Capítulo 10.....	99

Os fatos encontrados nessa obra são da responsabilidade do autor e muitas se assemelham ao que realmente aconteceu, por pura coincidência.

1

O pescador chegou na casa aonde ele sempre viveu e sentia terem os anos passado muito rapidamente. Com quase 60 anos, fazendo o que aprendera com seu pai no mar do Oceano Atlântico, que banha as ilhas Malvinas perto da costa argentina, ele aceitou uma missão que estava de acordo com o que ouvia do pai. Dizia ele que os ingleses precisavam ter o controle total dos arquipélagos, porque um dia os argentinos os expulsariam de lá, como fizeram com os franceses e espanhóis. O pai do pescador tinha vindo da Escócia, com sua esposa e filho há muito tempo e de lá nunca mais saíra.

Ele entrou, trancou a porta e foi até uma sala, com alguma decoração de motivos marinhos e, em bom estado graças aos cuidados de sua filha, onde os dois faziam as refeições e afastou uma pequena mesa que ficava no centro. Exatamente do tamanho dela, um alçapão foi aberto e uma escada com poucos degraus apareceu para ele. O pescador desceu, acendeu uma luz e foi em direção a uma mesinha onde estava um rádio transmissor. Ele ligou e esperou uns instantes até que suas válvulas aquecessem. Então passou a seguinte mensagem de voz: “Os pinguins virão em bandos nos próximos dias. É preciso proteger os turistas em Stanley”.

Stanley é a capital do arquipélago e fica na maior ilha, na parte oriental. O Reino Unido reafirmou seu controle sobre o arquipélago em 1833, embora a Argentina mantenha sua reivindicação às ilhas.

Londres, março de 1982

O editor-chefe do jornal *The Times* entra na sala onde reuniões mais importantes com os jornalistas eram feitas antes que uma matéria fosse publicada. Sem olhar diretamente para as quatro pessoas que já o esperavam ali, ele se aproximou de uma cadeira e, no mesmo instante em que sentava, foi falando sobre o assunto que os levava a se reunirem.

– É eminente o envio da Marinha Real para as Ilhas Falkland nos próximos dias. Ficamos sabendo que a Inglaterra vai entrar em guerra com a Argentina.

Nenhuma das quatro pessoas presentes ficou surpresa e o editor-chefe continuou falando depois de uma pausa para olhar para cada uma delas. A dedicação de 50 anos ao jornalismo colocara ele naquela função. A informação que recebera veio de um de seus contatos que trabalhava no setor de inteligência britânico.

– Vamos enviar um correspondente junto com a frota, caso que já está resolvido com a marinha. Gostaria que vocês me dissessem quem mandaremos. Eu, pessoalmente já tenho um nome, mas quero ouvir de vocês se existe alguma sugestão para um candidato para a tarefa.

– Minha sugestão é que a Lindsay seja a correspondente.
– disse uma das pessoas.

– Concordo com você. Ela tem a experiência suficiente...
– falou outro jornalista.

– Sabemos disso. – interrompeu o editor - Alguém mais?

Ninguém disse nada e os olhares se cruzaram entre eles. Parecia que cada um queria saber quem era o candidato do chefe.

– Ok. Será a Lindsay, mas ela vai acompanhada desta vez, mas não pelo fotógrafo com quem está acostumada a sair. Será outro. Direi para vocês depois.

– O senhor já contou para a Lindsay que será ela? – perguntou um dos presentes.

– Não. Ela está de licença. Vocês se lembram que ela se separou da pessoa que vivia com ela, não? Acho que a viagem vai fazer bem a ela. – Ninguém fez qualquer comentário.

A jornalista de quem falavam tinha vivido por dez anos com outra mulher, uma decoradora de ambientes e fazia uma semana que o relacionamento havia sido rompido. Lindsay era uma mulher bonita, ainda nos seus 42 anos e sua companheira tinha 35, mas possuía uma beleza diferente, mais sensual e tentadora. Certos acontecimentos fizeram com que Lindsay achasse que estava na hora de terminar com tudo. Não foi um rompimento amigável e ela precisou de uns dias de folga do jornal.

O editor-chefe incumbiu seus colaboradores com outras tarefas e sobre o assunto anterior disse que já estava resolvido que eles chamariam “A Guerra das Malvinas”, se realmente o confronto acontecesse. Apenas era preciso esperar mais alguns dias.

Depois disso, levantou-se e dispensou todos. Foi até sua sala e pediu, ao entrar, para sua secretária ligar para a jornalista Lindsay. Sentou-se em sua mesa, mexeu em alguns papéis que

estavam ali desordenadamente e ao encontrar um pequeno pedaço de papel, já meio amassado, leu o número que estava nele e gritou para a secretária perguntando sobre a ligação que pedira.

– Alô. Lindsay? – disse instantes depois de seu grito, pois o telefone tocou em seguida. – Como vai você?

A conversa com a moça foi rápida e ele pediu a ela que viesse ao jornal naquela tarde ainda. Ela concordou e desligou. Depois, o editor pediu pelo interfone que a secretária ligasse para o número que disse em seguida. Era aquele que ele havia encontrado no pequeno papel.

– Alô. Quem fala?

– É o Philip. Quem está falando?

– Boa tarde, Philip. Aqui é o Roger. Editor-chefe do *The Times*.

– Boa tarde, senhor Roger. Que prazer falar com o senhor.

– Obrigado rapaz, mas vou direto ao assunto. Você precisa estar aqui nessa tarde ainda. Pode vir?

– Claro, claro. Quer que eu vá agora?

O rapaz que atendeu ao telefone era um fotógrafo “freelancer” que conseguira vender há um mês atrás uma foto que fizera sobre uma manifestação na *Trafalgar Square*. É uma praça que fica no coração de Londres. Um lugar de protestos e comemorações. Foi construída para celebrar a batalha de *Trafalgar*, em 1805 que culminou com a vitória da Marinha Real Britânica nas guerras napoleônicas. Possui uma fonte no centro

e a foto que o *The Times* comprou do jovem fotógrafo era de um instantâneo incrível. Ela mostrava o momento em que um rapaz se atirava na fonte – parecendo que estava voando – e um policial seguia logo atrás dele, no ar também, com um gesto como se fosse um goleiro em direção à bola. Era estranha e até engraçada. Para Philip aquele pedido era o que esperava desde que começou a fotografar para reportagens. Ele vendia o que captava e apenas uma vez conseguiu vender para um jornal sério. Os tabloides londrinos eram seus clientes em potencial. Agora ele estava sendo chamado pelo editor-chefe de um grande jornal. Philip tremeu.

Não muito longe do jornal, Lindsay trancava seu pequenino apartamento para o qual havia se mudado depois de se separar de sua companheira. Nele estavam poucas coisas que tirara do lugar onde elas moravam. Era preciso ir buscar o que ficara lá, mas ela resolveu dar um tempo, pois não queria voltar a se encontrar com quem havia compartilhado a vida durante um bom tempo. Sabia que acabaria se rendendo às súplicas que seriam feitas e precisava evitar isso. Fazia uma semana que estava ausente do jornal. Voltar a trabalhar poderia fazer-lhe bem, pensou. O mês de férias que pedira, e lhe deram, era demais para quem viveu atrás de reportagens há algum tempo já.

Uma hora depois, o editor-chefe foi avisado pela secretária que um rapaz que se dizia chamar Philip estava na sala de espera. Ele pediu para que ela o mantivesse na sala até a chegada da Lindsay, e frisou bem, a jornalista deveria entrar primeiro para falar com ele. O rapaz que esperasse o tempo que fosse preciso.

Vinte minutos depois, veio a informação de que a jornalista chegara. Ela e Philip se entreolharam e ele a reconheceu, mas apenas sorriu para ela. Não houve sorriso de

volta. A secretária a cumprimentou gentilmente e disse que o chefe estava à sua espera. Podia entrar.

Apenas quinze minutos de conversa e o interfone da secretária tocou. Era o pedido do chefe para que ela encaminhasse o rapaz que esperava pacientemente por essa ordem.

– Philip, posso te chamar assim, não? – disse o diretor sem sair de seu lugar e não esperou a resposta. – Boa tarde. Sente-se, por favor.

– Obrigado. Como vai o senhor? – respondeu o rapaz indo até uma das poltronas que estavam na sala, não indo apertar a mão do diretor, pois ele não fez menção de a estender. Na outra poltrona estava sentada a jornalista.

– Philip, – voltou a falar o diretor que não era um homem de muita conversa desnecessária. – você conhece a Lindsay? Ela é uma jornalista do nosso time.

– Não pessoalmente...

– Pois bem, – interrompeu o diretor – Lindsay, o Philip é fotógrafo “freelancer” e vou fazer uma proposta para ele. Se ele concordar, vai acompanhá-la e se for bem vamos o contratar.

– Como vai Philip. – disse Lindsay olhando para ele. – Conheço a foto que você fez e vendeu para o jornal. Parabéns!

– Obrigado. Mas,...

– Então, concorda? – interrompeu novamente o diretor sem dar chance de ele falar qualquer coisa mais.

– Eu nem sei o que o senhor quer que eu faça. O que vou fotografar.

– Rapaz, você vai fotografar uma guerra. Tem coragem para isso?

– Uma guerra?

– Ok. Vou esclarecer as coisas para você. Mas que isso não saia daqui. Posso confiar em você?

– Pode... uma guerra...

– A Lindsay vai fazer a cobertura da investida da Marinha Real nas Ilhas Falkland e vamos precisar de fotos. Muitas fotos. Sei que você fala espanhol muito bem e talvez precisem saber o que estarão dizendo os argentinos, sem que saibam que você sabe o idioma deles.

– Os argentinos – disse Lindsay – dizem que falam castelhano, mas é a mesma coisa que o espanhol. Você deve saber disso

– Sei. – disse Philip que ainda não acreditava muito no que ouvia.

– Ainda, lá nas ilhas existem mais ingleses do que argentinos, mas não temos nada com isso. – voltou a falar o diretor. – Então? Concorda?

– Quando isso vai acontecer? Se é que vai acontecer...

– Claro que vai. Mas não comente. Deixe sair na mídia primeiro.